



## Apresentação

O dossiê *A representação da cidade em romances e crônicas* compõe o presente número da Revista *Nau Literária*. Centrado na cidade, questão cara à literatura e, de modo especial, ao romance, cuja ascensão está vinculada ao seu desenvolvimento. No Brasil desde os primórdios desse gênero a temática urbana está presente.

O século XIX foi palco do grande influxo modernizador das cidades, submetidas ao movimento de “destruir/construir”, que, na perspectiva de Marshal Berman, é característica marcante da modernidade. Não se pode falar em transformação da cidade sem falar em Paris, porque a avalanche de mudanças que sofreu a tornou um modelo, no qual se espelharam principalmente aquelas situadas na periferia. Os discursos que preconizaram o indispensável processo modernizador estavam centralizados no trinômio “circulação, higiene e estética”, como lembra Sandra Pesavento.

O Rio de Janeiro, importando o modelo parisiense, tem no binômio destruição/construção a tentativa de realizar na periferia o que foi executado no centro. Na esteira de Paris, avenidas são abertas, prédios não adequados aos padrões de higiene e estética são destruídos e, dos escombros emerge uma metrópole moderna.

Ser moderno não é prerrogativa do Rio de Janeiro. Várias cidades brasileiras perseguem esse objetivo e, para tal, são submetidas a reformas modernizantes para se aproximarem das metrópoles. Assim São Paulo, Porto Alegre e a longínqua Manaus – evidente, longínqua para nós que falamos do extremo sul -, só para mencionar algumas delas, em diferentes tempos são submetidas ao mesmo “destruir/construir” que preside as reformas urbanas inspiradas em Paris, o espelho onde desejam olhar-se (É curioso que no teto do Teatro Amazonas esteja pintada a Tour Eiffel. A pintura é eloqüente e não deixa dúvidas quanto a esse desejo de espelhamento).

A cidade moderna tem papel fundamental na literatura do século XIX, mas sobretudo do XX e desses primeiros anos do XXI, principalmente no romance. Presença obrigatória, quer como personagem, quer como palco dos conflitos, quer como espaço desagregador e labiríntico, nela o homem vive a experiência da perda, muitas vezes sofrendo profunda solidão. Embora as narrativas literárias nos permitam percorrer bairros, ruas, praças; observar monumentos e prédios; perceber os costumes de determinada época, a cidade moderna efetivamente se revela na sociabilidade de seus cidadãos, nas pressões que lhes impõe pelos

condicionamentos sociais, econômicos e culturais, determinantes dos conflitos, sejam eles externos ou internos.

O romance possibilita uma pluralidade de abordagens da cidade moderna e o dossiê que ora entregamos ao público enfatiza algumas delas. Os ensaios aqui reunidos têm por foco diversas cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Maceió, Manaus e a imaginária Goddamn City. O Rio de Janeiro é apresentado sobretudo por personagens que se encaminham para a cidade desejosos de dominá-la, mas permanecem estrangeiros e, como tal, perdidos nos labirintos de uma sociabilidade que não compreendem e, por isso mesmo, permanecem à margem. É a mesma problemática com que a personagem que transita por Maceió depara-se: também ela não consegue dominar os códigos e vivencia a mais profunda inadaptação. Igualmente São Paulo não permite ao indivíduo sentir-se integrado: é a experiência vivida por Macunaíma, que nela permanece um estrangeiro. Em textos contemporâneos, a esse estranhamento se soma a vivência da precariedade, que acarreta a crise do sujeito, também expressa no plano discursivo. Porto Alegre nos é mostrada através de suas desigualdades, onde o diferente não tem espaço. Nos romances contemporâneos, é objeto de discussão o questionamento sobre a mulher moderna, que luta para conquistar um espaço. A Manaus – aqui apresentada – denuncia os problemas típicos da modernidade: submetida ao progresso, embelezar a cidade significa expurgar seus pobres do centro, que são levados para um espaço longe do rio, seu “habitat” natural.

Embora se tenha relacionado essas abordagens a cidades específicas, é importante ressaltar que a cidade moderna desencadeou determinada sociabilidade – como a fragilidade dos laços entre os homens, cuja comunicação é, muitas vezes, impossibilitada, como ocorre, por exemplo, na imaginária Goddamn City -, por isso esses temas poderiam ser intercambiáveis. Ou seja, as características apontadas não são prerrogativas de uma ou outra cidade, são especificidades decorrentes dos romances analisados nesse dossiê, que ora tematizam uma perspectiva ora outra. De qualquer forma, os aspectos abordados são característicos da cidade moderna. Vários outros romances certamente trazem essas questões e não necessariamente relacionados às cidades que são privilegiadas nos textos aqui relacionados.

O dossiê se completa com a reflexão sobre crônicas do século XIX, que põem em foco duas cidades: Rio de Janeiro e Porto Alegre. Os livros *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* e *Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manuel de Macedo são objeto de estudo. Os ensaios aqui reunidos discutem as estratégias a que recorre o cronista para contar a cidade. No *Passeio* a “cidade real” é incorporada pela “cidade letrada” (conceitos de Angel Rama): o

cronista aproveita-se dos marcos urbanos para veicular suas próprias idéias. A trajetória histórica da rua do Ouvidor, suas transformações, que seguem os padrões de modernidade européia, estão representados no livro homônimo.

O olhar dos viajantes é fundamental e não poderia ficar de fora desse dossiê. A exemplo do que eles fizeram quando passaram por outras cidades, também Porto Alegre foi objeto de seus relatos, nos quais registraram as impressões da cidade quando da viagem realizada aqui. Valter Noal Filho e Sérgio da Costa Franco em *Os viajantes olham Porto Alegre* selecionaram trechos dessas narrativas. Os viajantes, oriundos sobretudo da Europa, cujas principais metrópoles estavam sob o influxo de grandes modificações, orientadas pelas novas idéias modernas, percebiam ora os traços de barbárie da cidade, ora os traços de modernidade, embora incipiente, que a cidade já apresentava.

São muitas as perspectivas desse dossiê. Apontamos apenas algumas delas para não privar o leitor do prazer das próprias descobertas. Há muitas trilhas, cabe a ele escolher o percurso e iniciar a caminhada.

**Gínia Maria Gomes**  
(Organizadora do dossiê)